

APOSTILA ANDANDO PELO RIO DE METRÔ 5 – COPACABANA PÁLACE E MARACANÃ

O PALÁCIO DO MAR - HOTEL COPACABANA PÁLACE

No dia 28 de outubro de 2003, o SINDEGTUR/RJ, por intermédio de sua Diretoria de Capacitação, efetivou mais um evento de seu projeto cultural “Andando pelo Rio”, realizando importante visita técnica de Guias de Turismo às belas instalações do Copacabana Pálace Hotel. Aqui, nesse pequeno espaço, tento traçar apenas alguns dados curiosos de sua história.

Em 1920 o Presidente da República, Epitácio Pessoa, convocou o empresário do setor de hotelaria Octávio Guinle e fez-lhe a proposta para construção de um grande hotel de turismo no Rio de Janeiro. A iniciativa visava atender ao grande fluxo de visitantes previstos para a Exposição Internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, que se realizaria em 1922, no Castelo. Seriam concedidos benefícios fiscais, bem como a licença para nele funcionar um cassino, este último uma exigência dos Guinle. A proposta foi aceita e essa é a origem do Hotel Copacabana Pálace.

Octávio Guinle adquiriu então um alqueire de terras na Praia de Copacabana, que naquela época ainda era ocupada escassamente por algumas casas. O terreno dava frente para a Avenida Atlântica, alargada em 1919 por Paulo de Frontin. Contratou-se o afamado arquiteto francês Joseph Gire, o qual projetou um estabelecimento bastante calcado nos modelos dos hotéis Negresco e Carlton, de Nice, na Côte D`Azur. Foi entregue a construção ao engenheiro brasileiro César Mello e Cunha. Dificuldades de importação de materiais de construção, quase todos vindos da França, bem como o transporte dos mesmos para o Brasil e para Copacabana, assim como também os profundos alicerces de 14m exigidos e para a confecção dos quais ainda não tínhamos tecnologia, atrasaram de muito a obra, somente possível de ser inaugurada em 13 de agosto de 1923, quase um ano após o encerramento da dita Exposição Internacional. Na noite de estréia, deveria ocorrer um show com a artista francesa Mistinguett, mas seu contrato com o Teatro Lírico a proibiu.

O Presidente Arthur Bernardes, sucessor de Epitácio Pessoa, tentou em 1924 cassar a licença para nele funcionar um cassino, haja vista que a construção do mesmo ultrapassara o prazo estipulado pelo Governo. Depois de longa pendência judicial, a família Guinle obteve ganho de causa em 1934. A visão de Octávio Guinle mostrou-se correta e logo se tornou o Copacabana Pálace lugar de encontro da sociedade brasileira e de celebridades internacionais, ultrapassando de muito a tímida visão espalhada pela crítica da época de que ninguém se hospedaria em hotel tão distante do centro. Nesses primeiros dez anos de vida, o Copacabana Pálace foi palco de eventos históricos e dramáticos. Ainda em construção, sofreu violenta ressaca em 1922, que lhe destruiu toda a avenida Atlântica e causou-lhe danos nos pavimentos inferiores. Em 1925 hospedou a primeira personalidade mundial, na figura do cientista Albert Einstein. Em 1928, num de seus salões, foi alvejado por uma bala o Presidente Washington Luís, num tiro dado por sua amante francesa durante um arrufo. O Presidente foi socorrido pelo médico Francisco de Castro e o episódio abafado. No mesmo ano, em dezembro, hospedou-se no Copacabana, em profunda crise de depressão, o inventor Alberto Santos Dumont, já com a mente bastante debilitada e muito triste ao presenciar, na sua chegada ao Brasil, um horrível acidente aéreo, quando o

avião que jogaria pétalas de flores em seu barco bateu na água, na Baía de Guanabara e explodiu, matando seus doze ocupantes.

Em 1933 o Copacabana Pálace seria conhecido internacionalmente por um filme realizado em Hollywood, "Flying down to Rio", com Dolores Del Rio, Fred Astaire e Ginger Roger, ambientado no hotel, mas todo realizado em estúdios nos Estados Unidos, com cenários pintados do Rio de Janeiro e a praia de Malibu "dublando" Copacabana. O filme foi um sucesso e tornou o hotel famoso mundialmente da noite para o dia. Em 1934, foi construída a piscina do hotel, em projeto de César Mello e Cunha, depois ampliada em 1949. Em 1938 inaugurou-se o "Golden Room", com show de Maurice Chevalier.

O Príncipe Edward de Gales, futuro Rei Edward VIII da Inglaterra, bem como seu irmão Jorge, igualmente futuro monarca britânico, se hospedaram no Copa em 1931, tendo Edward protagonizado um rumoroso episódio constrangedor para a Família Real Britânica ao se apaixonar por uma senhora brasileira, Negra Bernardez, desquitada e mãe de dois filhos, a qual ele queria levar de todo o jeito para a Inglaterra e com ela se casar. Em seus arroubos, chegou a intentar um vôo num avião experimental trazido desmontado em seu navio para impressionar sua amada, jogando-lhe flores do alto sobre sua casa, no que foi dissuadido do ato por seus assessores. Não se refez do episódio, tomando "homérico" porre e jogando-se todo fardado na piscina do Country Club de Ipanema. Anos depois, Edward, já Rei da Inglaterra, renunciaria ao trono para casar com a desquitada americana Lady Simpson, com quem viveu o amor de sua vida. Quanto à Negra Bernardez, a mulher que recusou ser rainha da Inglaterra, era mãe do afamado colunista social Manuel Bernardez Müller (Maneco Müller).

A Segunda Guerra Mundial tornou o Copacabana Pálace o único hotel de turismo de porte capaz de hospedar a elite internacional sem sofrer do perigo de um bombardeio. Foram os anos áureos do hotel. A política de boa vizinhança para com os Estados Unidos, estabelecida em 1942, fez com que grandes personalidades daquele país nos visitassem e se hospedassem no Copa. Praticamente todos os grandes atores de Hollywood nele tiveram pouso: Clark Gable, Edward G. Robinson, Fred Astaire, Dolores Del Rio (finalmente no Copa!), Katherine Hepburn, Lana Turner, Marlene Dietrich (que realizou show memorável em 1959), Orson Welles (que "morou" seis meses no hotel em 1942, e que num acesso de fúria jogou os móveis de seu quarto na piscina...), Walt Disney (que nele esboçou o personagem "Zé Carioca"), Josephine Baker (que manteve encontro furtivo com Le Corbusier), e muitos outros.

Após a guerra, com a proibição do jogo em abril de 1946, passou o Copacabana Pálace por ampla reforma, que lhe aumentou a capacidade, acrescentando dois andares ao prédio principal, mais a pérgula lateral, que se tornou ponto de encontro da sociedade brasileira e estrangeira, e ergueu-se o anexo nos fundos, inaugurado em 1949. No antigo cassino foi instalado o teatro Copacabana, responsável pelo lançamento de muitos talentos da dramaturgia nacional. Fez a reforma do Copa o arquiteto Wladimir Alves de Sousa, que soube preservar a ambiência antiga do hotel. O anexo tornou-se logo lugar não só para residência de hóspedes ilustres, como também para encontros furtivos importantes, pois existia uma elaborada passagem subterrânea, por detrás do salão de cabeleireiro, que conduzia quem não quisesse ser visto daquele lugar até o anexo. Devem ter sido encontros extremamente apaixonados, pois pelo

menos dois amantes morreram do coração, um deles importante senador da República por São Paulo e outro um respeitável banqueiro carioca...

Quem quase morreu no Copa, mas de coração partido, foi a grande cantora nacional Carmem Miranda, frustrada pelo fracasso de seu casamento. Carmem trancou-se em seu quarto em dezembro de 1954 e pensou seriamente em se matar, desistindo após olhar a bela paisagem da orla de Copacabana da janela de sua suíte. Carmem, aliás, seria muito mais lembrada pela alegria que exarava em seus shows no Golden Room que por este episódio, que com o tempo lhe levaria à morte em agosto de 1955.

Os anos cinqüenta foram o canto-do-cisne da fase áurea do Copacabana Pálace, que entra em lenta decadência após a transferência da capital para Brasília em 1960. Continuou como um importante hotel da cidade, servindo de pouso a visitantes ilustres do Rio de Janeiro (como os astronautas da Apollo 11), palco da vida social da cidade, onde famosos cronistas sociais iam buscar matérias para suas colunas, até ser superado por hotéis mais modernos na década de setenta. Em 1985, quando intentaram sua demolição, foi tombado pelas três esferas: IPHAN (Federal), INEPAC (Estadual) e DGPC (Municipal). Em fins da década de oitenta a família Guinle, na figura de seu herdeiro e presidente José Eduardo Guinle, vendeu-o em 1989 ao grupo "Orient Express", que o reabilitou, modernizando velhas instalações sem descaracterizá-las.

Presentemente é o Hotel Copacabana Pálace um dos mais importantes estabelecimentos hoteleiros da cidade, com modernas 236 acomodações palacianas e dos mais queridos bens culturais do Rio de Janeiro, local de confluência de vários episódios importantes do século XX, sendo preciosa lembrança de uma época de fastígio e esplendor, único bem deste gênero sobrevivente na cidade.

BECO DO JOGA-A-CHAVE-MEU-AMOR – RUA CARVALHO DE MENDONÇA – COPACABANA

Em verdade, esse beco nem chega a ser beco, e sim uma pequena rua, a Carvalho de Mendonça, que liga as ruas Duvivier e Rodolfo Dantas. Ladeada por dois edifícios apenas, ambos com muitos e minúsculos apartamentos, autênticas cabeças-de-porco modernas. Nos anos 50, tais apartamentos eram muito alugados por respeitáveis figuras para abrigarem seus encontros amorosos, ou alguma amante de plantão. O apelido surgiu de uma história dessa época. Conta-se que numa noite, um rapaz bêbado, bem apessoado, esqueceu a chave da portaria e cometeu a temeridade de ir para o meio da rua e gritar para o alto: "Joga a chave, meu amor."

A mulherada chegou à janela e jogou tantas chaves, que um molhe mais pesado lhe bateu na cabeça, nocauteando-o, forçando sua ida a um hospital para ganhar uns pontos. A notícia se espalhou, sendo que o compositor popular João Roberto Kelly compôs uma alegre marchinha carnavalesca que foi um grande sucesso no carnaval de 1965.

No Beco do Joga-a-chave-meu-amor os problemas foram muitos. Ali alguns bares tiveram pretensões a reviver a velha Lapa, abrigando mulheres de trottoir e traficantes de entorpecentes. Foram fechados pela polícia, reabertos por novos proprietários e, mais cedo ou mais tarde, tornados fora da lei. E assim foram vivendo.

Outros bares do mesmo local, permaneceram alheios a esses problemas, como acontecia com o Manhattan, de vida mais calma, ou o Kilt Club, o único bar da Zona Sul que exigia o uso de paletó, para os seus freqüentadores. E, como é raro se andar por Copacabana de paletó, o porteiro se incumbia de arranjar algum para quem quisesse entrar. O bar era elegante, mas os fregueses, nem sempre. Ali nunca houve o caso de um freguês pagar a conta, botar a carteira no bolso do paletó e depois devolve-lo à saída, com a carteira dentro. Donde se conclui que os bêbados do Kilt Club não eram tão bêbados assim.

Hoje, nada mais disso existe. Desde os anos 80 a rua é só de pedestres, os bares viraram brechós, os cubículos viraram lares familiares e as prostitutas foram substituídas por homossexuais e travestis, que passaram a reinar de noite.

BECO DAS GARRAFAS – RUA DUVIVIER – COPACABANA

Famoso logradouro de Copacabana, sito na Rua Duvivier, entre as avenidas Atlântica e Copacabana, o qual não consta de qualquer catálogo de indicação, pois é alcunha de origem popular. Tem seu nome desde os anos 50, pelo fato de ser localizado num agrupamento de pequenos bares, boites e “inferninhos”, cujos freqüentadores provocavam tanta algazarra de madrugada, que os moradores da vizinhança protestavam, jogando garrafas, sem a maior cerimônia, que vez por outra, atingiam um dos perturbadores da ordem. Não é só a boemia que freqüenta esse beco; a ambulância também, de vez em quando entra ali, para socorrer os que falam alto sem se valerem da proteção que lhes dá as marquises dos edifícios.

No Beco das Garrafas enfileiravam-se vários bares: Ma Griffe, Bottle`s, Baccará e Little Club. Eles tinham características diferentes: o primeiro é meio “inferninho”, o segundo é a catedral da Bossa Nova, o terceiro é o responsável pelo lançamento de muitos cantores (dali saíram para o sucesso a falecida Dolores Duran, Helena de Lima, etc.) e o quarto foi um dos pioneiros do show de bolso, tendo apresentado bailarinos, cantores, músicos e comédicos, sempre com êxito.

O mais famoso produtor de shows no Beco das Garrafas foi Luís Carlos Miéle, que promoveu ali, dentre outros, notáveis espetáculos de Luís Carlos Vinhas, Marisa Gata Mansa (Baccará) e Tito Madi (Little Club). O beco foi berço da cantora Nara Leão, ícone da Bossa Nova.

Desde fins da década de 60 o local entrou em decadência e hoje não apresenta nada de notável, abrigando bares e boites vulgares.

O QUE EXISTIU ANTES DO MARACANÃ.

Muito já se escreveu sobre o Estádio Mário Filho, conhecido mundialmente como “Maracanã”, considerado ainda por muitos como o maior estádio desportivo para a prática do futebol, prioridade questionada nos últimos tempos pela imprensa mundial, mas não no coração dos cariocas.

Entretanto, o que existia ali antes do início das obras de 02 de agosto de 1948 é história quase desconhecida. Pouco se escreveu sobre essa “pré-história” do “Maraca”, e, mesmo assim, muitas informações são conflitantes.

Do século XVI até setembro de 1759 todas terras ao longo do rio Maracanã pertenciam aos padres jesuítas, que ali plantavam cana de açúcar. Expulsos do Brasil nessa última data, por ordem expressa do Rei D. José I e

instigação de seu Primeiro Ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, foram tais propriedades confiscadas pelo Estado e leiloadas à partir de 1763 pelo Vice-Rei Conde da Cunha, D. Luís Álvares da Cunha, passando tais herdades a particulares. Entretanto, como eram terras alagadiças, nada foi feito com aqueles chãos, que continuaram cobertos pelo matagal por quase um século depois.

Logo após a chegada da Côrte portuguesa, em 1808, valorizaram-se muito aqueles chãos, haja vista a proximidade dos mesmos da Quinta da Boa Vista, residência oficial do Rei D. João VI. As terras do rio Maracanã foram então compradas pelo oficial portuense Francisco José da Silva Rocha (178?-1853), que alguns anos depois da Independência largaria a farda pelo comércio, tornando-se o maior exportador de pedras preciosas brasileiras. Foi agraciado a 15 de novembro de 1846 pelo Imperador D. Pedro II com o título nobiliárquico de Barão com Grandeza de Itamaraty. Herdaria suas terras seu filho, Francisco José da Rocha (1806-1883), que seguiria a profissão paterna e igualmente seria agraciado a 17 de outubro de 1882 com o título de Conde de Itamaraty. Ao morrer, ficou como legatária de sua imensa fortuna sua esposa, a Condessa Da. Maria Romana Bernardes da Rocha (1818-1896), agraciada depois de viúva a 29 de junho de 1887 com a elevação ao grau de Marquesa de Itamaraty.

A 6 de março de 1885 foi fundado no escritório do Dr. André Gustavo Paulo de Frontin, famoso engenheiro e “turfman” (1860-1933), sito à rua do Hospício, 91, o “Derby Club”, por um grupo de sócios do antigo “Derby Fluminense”, Prado de corridas hípicas que entrara em concordata em 1884. Pretendia o “Derby” promover corridas de cavalos e premiações.

Uma vez realizada a eleição dos diretores, acabou aclamado presidente da agremiação a Paulo de Frontin. Tratou a empresa de adquirir capital para construção do novo Prado. Reunido esse capital, adquiriu da então Condessa de Itamaraty, gerenciadora dos bens de seu finado marido uma grande área entre o rio Maracanã e o leito da Estrada de Ferro D. Pedro II, meio pantanosa, mas que devidamente preparada com drenagens e aterros, se prestava admiravelmente para um hipódromo, considerando a proximidade do centro da cidade e dos principais bairros residenciais, bem como pela facilidade de transportes. Assim foi feito, sendo as obras inauguradas com grandes corridas no dia 02 de agosto de 1885.

Durante muitos anos fez grande sucesso as corridas do “Derby Club”, até quando ao final da primeira década do século XX, estando já bastante desgastadas pelo uso e tempo as arquibancadas, tornou-se prioritária sua substituição por outras mais modernas e amplas.

Em 1919 presidia o “Derby” o engenheiro João Teixeira Soares, sendo seu vice-presidente o empresário Linneu de Paula Machado. Linneu, mais ativo e idealizador que Soares, pretendia em vez de reconstruir a velha sede, fazer outra nova na zona sul do Rio de Janeiro. Entrou então Linneu em entendimentos com o Presidente da República, o paraibano Epitácio da Silva Pessoa (1919-22), seu amigo pessoal, para permuta do terreno com outro que estava sendo formado com os aterros da área de mangue da Lagoa Rodrigo de Freitas. Epitácio autorizou ao Prefeito Carlos César de Oliveira Sampaio (1920-22) a permutar a área próxima ao Jardim Botânico, na margem da Lagoa, com as terras e benfeitorias do “Derby Club”. A troca foi feita, passando os chãos do rio Maracanã às mãos da municipalidade. Em 1920 era iniciada a construção

do hipódromo da Gávea, finalmente inaugurado em 1926. Em 1930 o “Derby Club” fundiu-se com o “Jóquei Club”, surgindo daí o “Jóquei Clube Brasileiro”.

A Prefeitura, de início, não fez nada de relevante com os antigos terrenos do Derby Club. Como o Brasil candidatou-se para sediar o Campeonato Mundial de Futebol de 1942, decidiu-se ali erguer um novo estádio, haja vista as limitações que existiam de se utilizar o velho campo de São Januário, do Vasco da Gama, como se cogitou de início. Foi até realizado concurso público de projetos, vencendo o grupo liderado pelos arquitetos Pedro Paulo Bernardes Bastos, Raphael Galvão, Orlando Azevedo e Antônio Dias Carneiro, com projeto estrutural dos engenheiros Antônio Alves de Noronha, Paulo Fragoso, Sérgio Marques de Souza e Alberto Rodrigues Costa. Um dos projetos recusados e que foi muito polêmico à época foi o de Oscar Niemeyer, talvez o mais bonito de todos, mas inexecutável, haja vista que era semi-enterrado no solo, muito pantanoso.

A Segunda Guerra Mundial adiou a Copa do Mundo e atrasou todo o planejamento, sendo os terrenos do Maracanã ocupado por um grupamento de carros de combate, que nele ficavam acantonados. Terminada a Guerra e decidida a Copa de 1950 no Brasil, enviou o prefeito em 1946 mensagem à Câmara de Vereadores solicitando a aprovação da construção do estádio no terreno do rio Maracanã em regime de urgência. Entretanto, a Câmara de Vereadores perdeu muito tempo em discussões se o estádio deveria ser executado naquelas terras ou na Baixada de Jacarepaguá. Defendia essa última vertente o Vereador Carlos Lacerda, que afirmava ser este um motivo importante para o progresso daquela região, à época desértica.

No entanto, a corrente que lutava pela solução dita “Derby Club” sagrou-se vencedora, tendo o Prefeito Marechal Ângelo Mendes de Moraes entrado em acordo com o exército, sendo de lá removidos os carros de combate, e assim possibilitando o início das obras em 02 de agosto de 1948.

Executado por cinco empresas construtoras e levantado por onze mil operários, que se revezavam em três turnos de oito horas, foi finalmente inaugurado o estádio a 16 de junho de 1950, com a realização de uma partida amistosa entre as seleções de novos do Rio e São Paulo.

O nosso fiasco nessa Copa frente ao Uruguai é já história conhecida.

ESTÁDIO MÁRIO FILHO - “MARACANÃ” - AV. MARACANÃ, 252

Uma das obras tecnicamente mais importantes do Brasil, localizada nos terrenos do antigo Derby Club, ocupando uma área de 186.638,56 metros quadrados e compõe-se de Estádio Mário Filho (Maracanã); Ginásio Gilberto Cardoso (Maracanãzinho); Pista de Atletismo Célio de Barros e Parque Aquático Júlio de Lamare. Sua capacidade original era de 155.000 pessoas, atualmente reduzida para 95.000. O Estádio do Maracanã teve sua construção iniciada no governo do Prefeito Marechal Ângelo Mendes de Moraes, a 10 de agosto de 1948, e foi inaugurado a 16 de junho de 1950, com o jogo de seleção de jogadores “novos”, do Rio de Janeiro e de São Paulo, sendo Didi, o autor do primeiro gol da história deste estádio.

Foi construído no tempo de 01 ano, 10 meses e 06 dias, de acordo com o projeto da equipe de engenheiros arquitetos, constituída por Raphael Galvão, Antônio Dias Carneiro, Orlando de Azevedo e Pedro Paulo Bernardes Bastos, com cálculo estrutural de Antônio Alves de Noronha. Tem a forma de uma elipse, medindo 318,52m x 280,7m, com o perímetro de 944,62m. Sua altura é

de 32 metros, com o último degrau a 23,60 metros de altura, distando de 126 metros ao centro do campo. As dimensões do seu campo eram de 72m x 108m, até 1963, quando foram aumentados para 75m x 110m, de acordo com as leis internacionais.

Possui moderno sistema de irrigação mecânica da grama, com perfeita drenagem, o que permite mantê-lo perfeitamente seco, mesmo durante chuvas violentas. O gramado que é circundado por um fosso de 3 metros de altura por 3 metros de largura, garante completo isolamento entre os atletas e o público, é atingido por quatro túneis, com iluminação indireta e com piso de borracha. Projetado para abrigar confortavelmente 155 mil pessoas, já teve em suas dependências 220 mil pessoas, no jogo Brasil e Espanha em 1950, durante a IV^a Copa do Mundo, quando ocorreu também a primeira invasão do estádio pelos torcedores sem ingresso, que derrubaram parte do muro que o circunda.

A primeira partida noturna foi realizada em 1951, quando foi realizado o torneio Rio-São Paulo. Foi, também o primeiro estádio na América Latina a possuir um placar eletrônico, em 1961. O custo da obra foi de 250 milhões de cruzeiros. Para sua construção foram necessários 1.500 homens trabalhando 24 horas por dia, número este elevado para 5.000, tendo sido empregado o seguinte material:

A)- 500.000 sacos de cimento, que empilhados formariam 78 pilhas da altura do Corcovado (704m).

B)- 9.582.781 quilos de vergalhões de ferro, que colocados em fila, dariam a volta ao mundo uma vez e meia pela linha do Equador.

C)- 650.000 metros quadrados de madeira, que se fossem distribuídos em tábuas, cobririam 3,5 vezes a área de pavimentação da avenida Presidente Vargas (que tem 50m x 3.800m).

D)- 60.000 metros cúbicos de pedra, que dariam para encher uma trincheira de 2,5m de largura por 2m de altura, numa extensão de 12 quilômetros.

E)- 45.000 metros cúbicos de areia, que formariam uma camada de 0,25m de altura, por toda a extensão da avenida Presidente Vargas.

F)- 80.000 metros cúbicos de concreto, que correspondem a estrutura de edifícios de 10 andares, de ambos os lados da avenida Rio Branco, em toda a sua extensão (1.800m).

G)- 41.000 metros cúbicos de escavações, que correspondem a cobertura de 1.640 poços de 2m x 2,5m de profundidade.

H)- 134.700.000 metros cúbicos de aterro.

I)- 1.004,490 metros de escoramento.

J)- 475.562 metros quadrados de formas.

K)- 40.000 caminhões descarregando material e atêrro, que colocados em fila individual, cobririam a extensão da estrada Rio-São Paulo.

Em fins dos anos noventa, o ex-presidente da FIFA, o brasileiro João Havelange, considerando-o obsoleto, sugeriu sua implosão e reconstrução com apoio financeiro internacional. Não pensaram assim os outros brasileiros, restaurando-o integralmente e tombando-o à nível estadual em junho de 2.000, quando de seu cinqüentenário.

Seu mais antigo funcionário vivo e maior divulgador da casa é o Sr. Isaías Ambrósio, que nele trabalha desde 1948.

MÁRIO RODRIGUES FILHO - DADOS BIOGRÁFICOS

Cronista esportivo, nasceu no Recife, Pernambuco, em 1908. Escreveu sobre futebol em A Crítica, O Globo e Jornal dos Esportes. Foi o promotor do Torneio Rio-São Paulo, da construção do Estádio do Maracanã, dos Jogos da Primavera e dos Jogos Infantis. Torcedor fanático do Flamengo, de cujo clube foi diretor.

Faleceu no Rio de Janeiro em 1966. Em sua memória, o estádio do Maracanã passou a chamar-se Mário Filho.

MONUMENTO AOS CAMPEÕES DO MUNDO - ESTÁDIO DO MARACANÃ

Esta é a denominação oficial com que foi batizado o monumento (conhecido popularmente com “Estátua de Bellini”, Capitão da Seleção Brasileira de Futebol em 1958/62 e, que serviu de modelo) erigido para simbolizar a dupla vitória dos futebolistas brasileiros no Campeonato Mundial, em 1958 na Suécia e em 1962 no Chile.

O monumento, de autoria do escultor Prof. Mateus Fernandes, representa um jogador de futebol no seu tradicional uniforme, de pé sobre o mundo, ostentando com a destra a cobiçada taça Jules Rimet (conquistada definitivamente pelo Brasil em 1970) e com a canhestra uma bola, característica do desporto precitado.

A colocação do monumento em frente ao Maracanã, iniciativa particular da firma “Rei da Voz” e do “Jornal dos Esportes”, veio completar o cenário do maior estádio do mundo.

A estátua foi inaugurada pelo Governador Carlos Lacerda, em 1965.

ESTÁDIO GILBERTO CARDOSO - “MARACANAZINHO” - AV. MARACANÃ

Localizado ao lado do estádio do Maracanã, teve suas obras iniciadas a 30 de maio de 1953 e terminadas a 24 de setembro de 1954, sendo construído pela firma Prolar S/A . Seu atual nome é Ginásio Gilberto Cardoso, em homenagem ao antigo presidente do Flamengo, grande incentivador do basquetebol na cidade. Este estádio possui capacidade para 20 mil pessoas sentadas, bares, restaurante, sanitários, modernos vestiários, 12 cabines de rádio e televisão.

Construído para a realização do Campeonato Mundial de Basquetebol em 1954, é hoje o palco dos grandes acontecimentos esportivos e sociais da cidade, como: campeonatos de basquetebol, voleibol, desfiles para concursos de “Miss”, congressos religiosos, circos, espetáculos de patinação no gelo, desfiles de modas, festivais de música, etc. Sua capacidade de público foi ultrapassada várias vezes, por ocasião dos jogos do Campeonato Mundial de Basquetebol e Voleibol, e de apresentações religiosas e circenses.

Foi destruído por um incêndio em 1967, sendo reconstruído depois.

Milton de Mendonça Teixeira.